

## O DOMO DE PORTO ALEGRE

**Resumo:** Este artigo traz o resultado parcial de pesquisas realizadas por um grupo multidisciplinar, sobre a construção da nova catedral para a Arquidiocese de Porto Alegre, iniciada no ano de 1921 após a demolição da antiga igreja matriz. Por meio da pesquisa imagética e de ações culturais, percebeu-se uma nova interpretação sobre o novo templo, pleno de significados que a consagram como patrimônio cultural da cidade.

**Palavras-chave:** catedral, patrimônio cultural, arquitetura, Porto Alegre.

## O DOMO DE PORTO ALEGRE

**Abstract:** This article presents the partial result of research carried out by a multidisciplinary group, on the construction of the new cathedral for the Archdiocese of Porto Alegre, which started in 1921 after the demolition of the old church. Through imagery research and cultural actions, a new perception of the new temple was found, full of meanings that enshrine it as the city's cultural heritage.

**Keywords:** cathedral, cultural heritage, architecture, Porto Alegre.

Lucas Bernardes Volpato, Brasil  
Centro Universitário Ritter dos Reis  
lucasvolpato@gmail.com  
Caroline Zuchetti, Brasil  
Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre  
caroline.zuchetti@gmail.com  
Vanessa Gomes de Campos, Brasil  
Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre  
vanessagdecampos@gmail.com  
Geovani Lemos, Brasil  
Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre  
geovani.lemos@hotmail.com.br

### A devoção

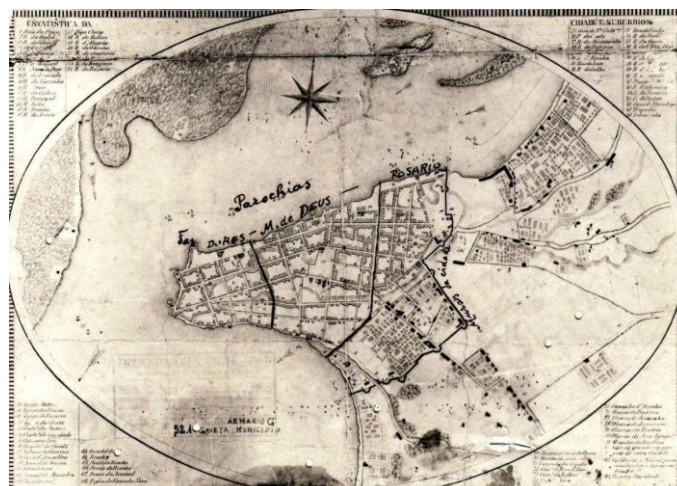
Porto Alegre é capital mais meridional do Brasil e por sua povoação luso-açoriana tardia, podemos considerar que com um pouco mais de 240 anos é uma cidade jovem no contexto brasileiro. O marco de sua fundação é a criação da freguesia no ano de 1772, mesmo que o território já fosse ocupado pela presença da coroa portuguesa desde o ano de 1740, quando o território foi dividido em três sesmarias e servindo de porto lacustre-fluvial para Viamão, a então capital da capitania de São Pedro. No entanto, o marco de povoação da região foi a instalação de um acampamento provisório para um grupo de “casais” de colonos açorianos que ocupariam o oeste da capitania, no território das Missões Jesuíticas que havia sido incorporado ao Brasil pela coroa através do tratado de Madri (1750). Este tratado fez com que estourasse a guerra Guaranítica que se estendeu por anos fazendo que com que os açorianos desistissem de migrarem para a região das antigas Missões e se fixassem as margens do delta do rio Jacuí e do lago Guaíba. A primeira devoção desses açorianos foi para São Francisco das Chagas, sendo a

freguesia de São Francisco do Porto dos Casais erguendo uma pequena capela as margens do delta do rio Jacuí no ano de 1753. Com o crescimento da povoação e pela posição estratégica, dadas as condições portuárias, a capital da capitania é transferida no ano de 1772 para a nova freguesia e no mês de janeiro do ano de 1773, em homenagem ao vice-rei, muda o seu orago para a Madre de Deus, iniciando a construção de uma nova igreja no ano de 1779, no alto da praia, e assim rebatizando o território de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre (figura1).



**Figura 1.** Mosaico do frontispício da nova catedral que conta a história da Igreja Católica no Estado do Rio Grande do Sul, com destaque para a mudança do orago ( à direita está São Francisco cedendo o orago para a Mãe de Deus). Lucas Volpato, Porto Alegre ( 2015)

A mudança do padroeiro e a construção de uma igreja dedicada a Madre de Deus afirma desde então o início de uma forte devoção mariana, característica das povoações luso-açorianas, pois da matriz, vão sendo fundadas a partir do ano de 1832, curatos e paróquias dedicadas a Nossa Senhora, com os títulos de Dores, Rosário, Conceição e Navegantes ( esta última vindo se tornar a maior devoção e o primeiro patrimônio cultural imaterial da cidade) caracterizando-a como uma cidade verdadeiramente mariana (figura 2).



**Figura 2.** Mapa do núcleo inicial de povoação da cidade de Porto Alegre com manuscritos dividindo o território em paróquias com oragos marianos, Dores, Mãe de Deus e Rosário . AHCMPA, Porto Alegre.

No ano de 1848, o Papa Pio IX, na bula *Ad Oves Dominicas Rite Pascendas* funda a diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul, elevando a igreja matriz à condição de catedral e em 1910 a bula *Praedecessorum Nostrorum* do Papa São Pio X divide a diocese de São Pedro em quatro, elevando a de Porto Alegre a arquidiocese e assim suscitando o debate da construção de uma nova catedral, pois a antiga ( figura 3) já com quase 140 anos se encontrava em péssimas condições de conservação, era pequena para acomodar os crescentes fiéis e acanhada para ostentar o status de catedral arquidiocesana. Assim como aconteceu em outras capitais brasileiras que demoliram suas velhas catedrais, o clero porto-alegrense se empenhou convictamente na construção de uma nova catedral no alto da praia que pudesse ser vista de todas as direções, simbolizando a magnitude da Igreja e a devoção mariana na Arquidiocese de Porto Alegre.



**Figura 3.** Antiga catedral e Império por volta de 1900. Edificações que seriam demolidas para a construção da nova catedral. AHCMPA, Porto Alegre

## 1. A construção

A construção da nova catedral, neste artigo, é descrita a partir de antigas e novas pesquisas que esmiúçam esta história épica revelando-a como uma façanha cheia de novos significados. Por muitos anos, a demolição da velha matriz ( figura 4) despertou forte ressentimento, pois é grande o lamento carregado pelos porto-alegrenses ao vislumbrarem imagens da velha matriz que hoje figuraria uma das mais belas igrejas barrocas (de interior rococó) do sul do Brasil ( figura 5). O impacto da perda cultural já era pauta de discussão entre os intelectuais antes mesmo do início da sua demolição, que foi o caso do literário Achylles Porto Alegre que em uma manhã do ano de 1921, ficou impressionado quando avistou carroças de entulho saindo dos fundos da velha catedral. O impacto causado foi tanto que dedicou um capítulo no seu livro: Jardim de Saudades, onde então lamentou a perda de tão importante edifício para a cidade:

*Ali, naquele templo Augusto, viviam pelo menos cinquenta anos de minha existência, e eu via-o agora atacado e ferido pela picareta inconsciente do operário rústico, que nada conhece da vida da cidade antiga!*(PORTO ALEGRE, 1921, p. 77).

E a perda afetiva que liga aos antepassados:

*São mais de cento e cinquenta anos da crônica da cidade e da vida de nossos avós que são lançados em terra, feitos destroços, transformados em poeira. Não. Não sou só eu que choro: é quase toda a população. Cada golpe da picareta repercute no coração do nosso povo como punhaladas.* (PORTO ALEGRE, 1921, p. 77).



**Figura 4.** Demolição da fachada principal da antiga catedral por volta de 1929. AHCMPA, Porto Alegre



**Figura 5.** Retábulo lateral em estilo rococó sendo desmontado. AHCMPA, Porto Alegre

Grupos de intelectuais também durante a construção da nova catedral também questionavam a linguagem arquitetônica, pois embora o projeto fosse de 1920, a igreja paulatinamente era edificada em meio a discussões do movimento da arquitetura moderna que considerava a nova catedral anacrônica e por isso sem valor arquitetônico. Na contemporaneidade, as discussões sobre a linguagem arquitetônica e as proporções plásticas ainda são presentes, mas podem ser amenizadas quando outros contextos além da arquitetura são analisados, como sociais e antropológicos que são o foco dos estudos recentes realizados pela equipe multidisciplinar de historiadores, museólogos e arquitetos vinculados a Arquidiocese. Fato que a arquitetura produzida é reflexo da cultura e o entendimento de uma sociedade, por isso na análise da construção da nova catedral podemos entender a importância social de tal empreitada que transcende a construção física, ganhando uma dimensão espiritual e afetiva, também para a paisagem urbana com a construção de uma identidade de cidade e com esse entendimento, conferindo sim, significativo valor arquitetônico.

A construção foi uma façanha, começou com um concurso promovido no ano de 1915 em que um projeto neogótico foi premiado, mas desconsiderado por ser tecnicamente inviável e foi abandonado. Isso frustrou muito o arcebispo, que preocupado com a incumbência de construir uma nova catedral, chegou a exilar-se em uma casa de campo até quando seu subsecretário, mons. João Maria Balém, quebra o exílio, pois havia visto em uma revista um projeto de uma igreja renascentista para a cidade de Patrasso na Grécia, que havia lhe agradado, descobrindo o arquiteto da Cúria Romana, Giovanni Battista Giovenale. A descoberta do projeto grego foi o início de um projeto transoceânico e de uma excepcional relação entre cliente

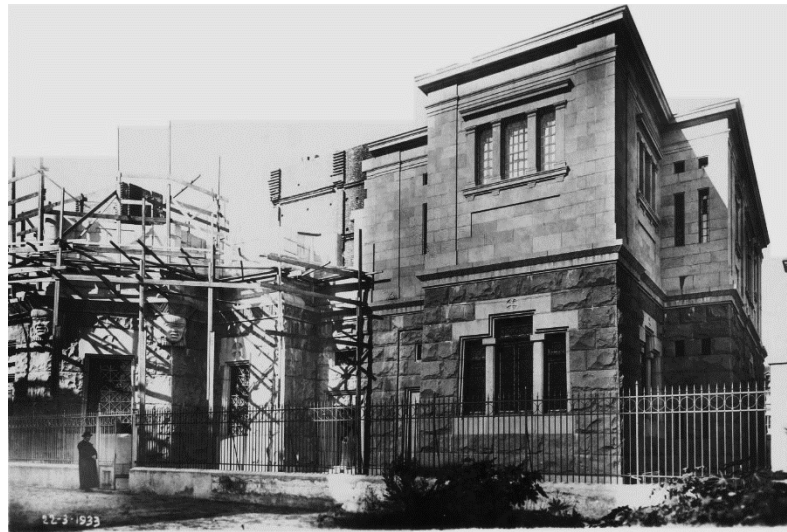
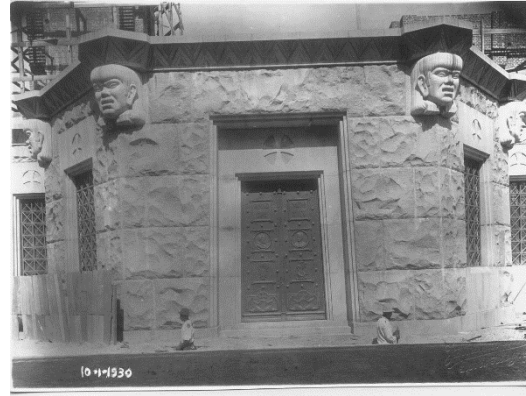
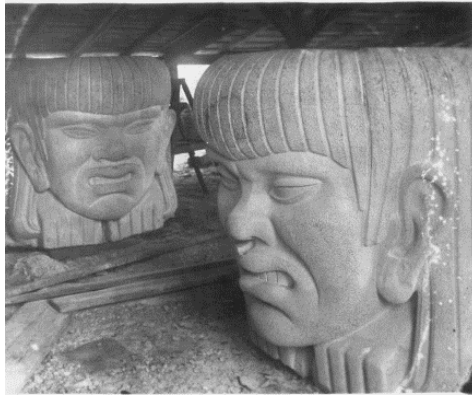
e arquiteto. Para o arquiteto, era uma grande oportunidade de ter uma obra fora da Europa e para a Arquidiocese, a oportunidade de trazer um pouco de Roma para Porto Alegre (figura 6).

O projeto para Porto Alegre era neorrenascentista, deveria ser totalmente de pedra e entusiasmado com a possibilidade de projetar para o novo mundo, Giovenale, inova, projetando



**Figura 6.** Perspectiva arquitetônica do projeto elaborado por Giovenale. AHCMPPA, Porto Alegre

o embasamento da nova igreja de forma inusitada, na base rustificada agrega elementos arquitetônicos da cultura pré-colombiana como analogia a sobreposição de culturas da colonização europeia no território americano, em que a renascença romana sobrepõe a rusticidade dos indígenas, assim transformando o projeto neorrenascentista em eclético ( figuras 7,8 e 9).



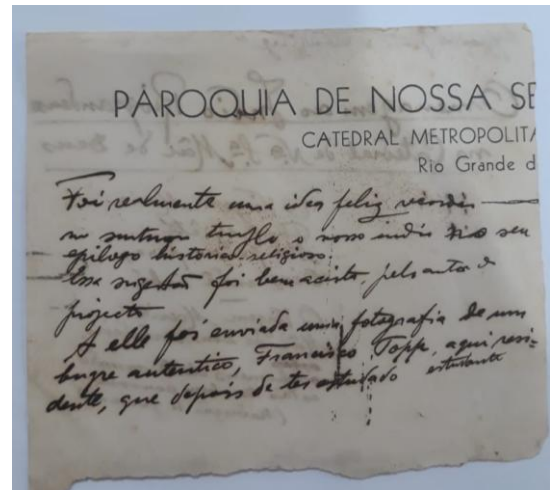
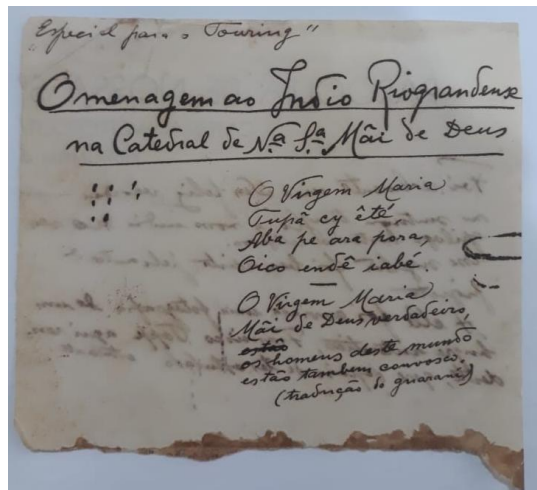
**Figura 7.** Carrancas de granito rosa no canteiro de cantaria da Medianeira. AHCMPA, Porto Alegre.

**Figura 8.** Carrancas de granito rosa instaladas na cantaria do embasamento das absides por volta de 1930. AHCMPA, Porto Alegre.

**Figura 9.** Finalização do embasamento rusticado com linguagem pré-colombiana e construção do corpo neorrenascentista (sacristias) por volta de 1933. Na foto à esquerda está o mons. Balém. AHCMPA, Porto Alegre.

O embasamento, que corresponderia originalmente a cripta, por sua arquitetura inusitada, se destaca entre a população, por ser a parte mais antiga da construção, mas principalmente pelo simbolismo cultural, se destacando as carrancas indígenas, que imagetivamente, em geral, identificam a catedral tanto quanto a sua cúpula. Essas carrancas (figura 12) inclusive tiveram

como modelo um índio da região de Gravataí ( figura 10 e 11) , que fora a “Aldeia dos Anjos”, que acolheu parte dos indígenas expulsos durante a guerra Guaranítica.



**Figura 10.** Manuscritos do mons. Balém relatando a intenção de homenagear o índio rio-grandense usando como modelo um índio da região de Gravataí. AHCMPA, Porto Alegre.

**Figura 11.** Manuscritos do mons. Balém relatando a intenção de homenagear o índio rio-grandense usando como modelo um índio da região de Gravataí. AHCMPA, Porto Alegre.

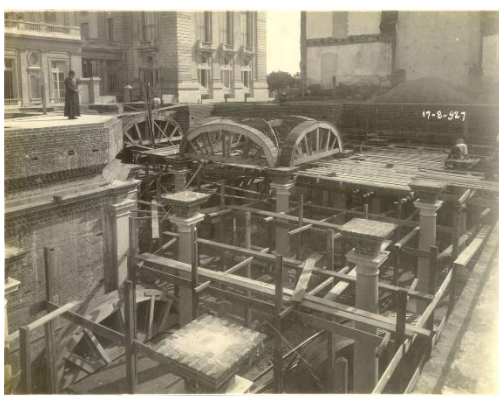
**Figura 12.** Carranca de índio encimada por friso com motivo marajoara. Lucas Volpatto ( 2019), Porto Alegre.

## 2. O domo

A intenção dos incumbidos, idealizadores e entusiastas da nova catedral era que a Arquidiocese edificasse um símbolo da magnitude da Igreja Católica no território, por isso a importância de uma grande referência como um domo. A façanha envolveu toda a sociedade que buscava na nova catedral uma imagem e uma identidade católica para a cidade. Uma aliança entre o mons. Balém, que assume a direção da obra, e o arquiteto, se estabelece e daí

trocariam muitas correspondências, o arquiteto enviando diretrizes, croquis, perspectivas e plantas e o padre com relatórios, fotografias e apontamentos da obra. O que se percebe nas cartas, é que ambos desejavam o melhor para a construção e por isso afinados se empenhavam quase que como cúmplices.

No ano de 1920, a velha catedral começa a ser demolida pela parte sul e a pedra fundamental é benta no ano de 1921 com muita expectativa. Para não desprover a cidade dos ofícios do arcebispado, a demolição foi graduada conforme avançasse as obras da cripta (figura 13), que quando concluída se tornaria o novo espaço de celebração enquanto a nave ainda estivesse sendo executada (figuras 14 e 15).



**Figura 13.** Execução das formas de madeira para a concretagem das abóbodas da cripta por volta de 1929. AHCMPA, Porto Alegre.

**Figura 14.** Abóbodas da cripta já concretadas e parte da catedral antiga ainda em funcionamento ao fundo por volta de 1929. AHCMPA, Porto Alegre.



**Figura 15.** Início da construção do presbitério e nave e demolição total da antiga catedral por volta de 1929. AHCMPA, Porto Alegre.

Seguindo as recomendações do arquiteto, a arquidiocese adquiriu áreas nos maciços rochosos da cidade para a implementação de pedreiras ( figuras 16 e 17) que extrairiam todas as pedras, o que resultou em uma edificação monocromática em granito rosa, o que é muito simbólico: uma catedral construída com a pedra do local.



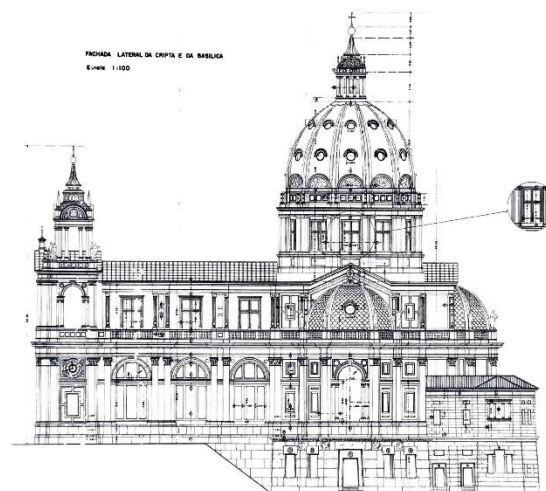
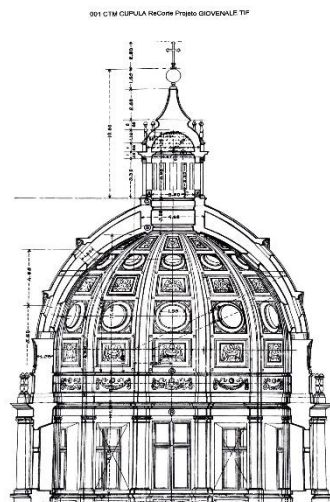
**Figura 16.** Extração de pedra granítica em pedreira na zona sul de Porto Alegre. A frente do monolito está o mons. Balém. AHCMPA, Porto Alegre.



**Figura 17.** Lavrador canteiro trabalhando um bloco de granito que seria a portada de um dos acessos da cripta. AHCMPA, Porto Alegre.

A implantação de um domo de 73m de altura que pudesse ser visto de todos os pontos (figura 18), deveria ser uma referência religiosa e geográfica, pois cidades e seus domos possuem forte relação imagética de identidade. No entanto, a construção do domo tardou e Giovenale acabou não o vendo, viu concluir, através de fotos que lhe foram enviadas, apenas a cripta, pois veio logo a falecer.





**Figura 18.** Desenho simulando o “skyline” da cidade no ano de 1920 com a presença do grandioso domo visto das ilhas do delta do rio Jacuí e lago Guaíba. AHCMPA, Porto Alegre.

**Figura 19.** Corte transversal do projeto original desenhado por Giovenale detalhando a cúpula. AHCMPA, Porto Alegre.

**Figura 20.** Fachada oeste do projeto original desenhado por Giovenale. AHCMPA, Porto Alegre.

## Conclusão

A partir das correspondências e do vasto registro fotográfico da execução da obra, podemos perceber, através da pesquisa, a dimensão do esforço da sociedade no período de 65 anos de construção deste novo símbolo ( figuras 21, 22 e 24). Como forma de fruição cultural, a pesquisa em desenvolvimento busca promover atividades de educação patrimonial e visitas guiadas que amparadas nas novas dimensões de entendimento do que é o patrimônio cultural, vem despertando o simbolismo da construção de uma nova catedral em um processo de ressignificação. Hoje é possível refletir sobre a presença da cúpula na paisagem da cidade (figura 23), que afirma o objetivo de seus idealizadores da criação de um símbolo inquestionável a devoção mariana. A reflexão que é trazida é exatamente sobre as perdas e ganhos das escolhas feitas no passado e se os porto-alegrenses de hoje se imaginariam sem a sua cúpula e os católicos sem seu símbolo, que remete a sempre presente devoção à Mãe de Deus.



**Figura 21.** Construção do transepto e armação do tambor da cúpula por volta de 1934. AHCMPPA, Porto Alegre.

**Figura 22.** Construção do tambor e do domo da cúpula em concreto armado por volta de 1951. AHCMPPA, Porto Alegre.

**Figura 23.** Fachada principal em imagem aérea tomada da praça da Matriz. Lucas Volpato (2020), Porto Alegre.

**Figura 24.** Última ação da construção da catedral com a colocação do coruchéu sobre uma das torres no ano de 1986. . AHCMPPA, Porto Alegre.

## Referências

- Balém, João Maria (1956) "A Catedral". Porto Alegre.
- Cheiuiche, Antonio do Carmo (2012) " Catedral Metropolitana de Porto Alegre: Guia artístico - histórico". Porto Alegre: Diagramme Produções. ISBN 978-8564393-03-5
- Porto Alegre, Achylles (1921) " A Cathedral In: Jardim de saudades". Porto Alegre: Officinas Graphicas Wiedemann & Cia.
- Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre ( AHCMPPA)